



BINGEMER, Maria Clara. *Teologia e Literatura: Afinidades e segredos compartilhados*. Petrópolis: Vozes, 2015.

Erik Dorff Schmitz\*

A obra *Teologia e Literatura*, de Bingemer, reúne sua produção e reflexão a respeito de textos de autores brasileiros e europeus que criam a arte poética em contraste com a reflexão teológica. É nesse limiar que Maria Clara reflete e compara as variadas nuances desses saberes.

## Literatura Brasileira

### Deus, experiência originante e originada: Adélia Prado

No poema “Antes do nome” está, parece-nos, uma chave primordial para começar a percorrer a trajetória de Deus na poesia adeliana. Para Adélia, Deus é mistério santo reservado e revelado. Que se entrega na mesma medida em que se esconde. Que, inapreensível pela indústria humana, pronuncia sobre o “esplêndido caos” primigênio a palavra assistida pelo sopro do Espírito, fazendo emergir as coisas que não são para que sejam. A inspiração poética adeliana é, consciente e assumidamente, inspiração divina. Antes do nome, portanto, está o Nome que a tudo nomeia e que por nada nem ninguém pode ser nomeado. Nó de relações aberto ao mundo, aos outros, a Deus, o ser humano vive tensionado como arco cuja flecha mira o infinito, lutando com o peso da gravidade que o conduz ao chão, onde partilha com os outros seres criados a condição precível e o destino mortal.

Outra característica do trabalho poético de Adélia é a corporeidade. Centrado no mistério da encarnação, o cristianismo não menospreza o corpo, mas o inclui em sua reflexão e em seu discurso e o situa em lugar proeminente ao refletir e falar sobre o mistério do divino. A experiência da transcendência do cristianismo é a experiência de um Deus encarnado.

É Adélia que nos lembra que o cristianismo é por excelência a religião da economia dos corpos, pois no batismo nosso corpo é lavado

---

\* Mestrando em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina. Bacharel em Filosofia (Faculdade São Luiz, Brusque, 2011). Bacharel em Teologia (Faculdade Católica de Santa Catarina, Florianópolis, 2015).  
E-mail: erik.schmitz@hotmail.com





no sangue de Cristo. Na Eucaristia, ele se nutre do Corpo de Deus. No matrimônio, “numa só carne” os corpos se fundem no amor que transubstancia o carinho em liturgia e a sexualidade em fonte prazerosa de vida. A beleza da encarnação do Verbo que habitou entre nós é sentida no corpo. Beleza e corpo que têm gênero. Gênero feminino.

### Iniciação e paixão, Eros e ágape: Clarice Lispector

Clarice Lispector, não-cristã, mas judia, trata-se de uma mulher de fé, de cuja escrita jorra a palavra Deus, diretamente nomeado, deixando perceber uma sensibilidade espiritual imensa para qualquer manifestação da transcendência que possa acontecer em todas as dimensões da existência.

*O livro dos prazeres* baseia-se na história de Loreley, cujo apelido é Lóri, professora primária que passa a viver no Rio de Janeiro após sair de casa de seus pais, em Campos. Ela conhece Ulisses, professor de Filosofia, numa noite em que esperava um táxi e ele lhe ofereceu carona. A partir daí, após ter tido outras experiências amorosas, sente que esta era realmente verdadeira. Ela amava pela primeira vez e tinha que passar pelo processo de aprendizagem desse novo sentimento, o qual tinha de aceitar.

O olhar da teologia, debruçado sobre a obra literária de Clarice, percebe o processo de iniciação amorosa que vai ser narrado como algo para além meramente do encontro físico e apaixonado de um homem e de uma mulher. Trata-se de um processo de encontro profundo entre dois seres humanos, e, mais que isso e para além disso, de um encontro com o mistério. Que nome terá esse mistério? Em todos os casos, como afirma a própria Clarice antes do começo da narrativa, trata-se de um mistério maior, um mistério que está acima: “Este livro se pediu uma liberdade maior que tive medo de dar. Ele está acima de mim. Humildemente tentei escrevê-lo. Eu sou mais forte do que eu.” (LISPECTOR, 1969). Ao mesmo tempo o mistério maior e mais alto que pediu uma liberdade que provoca medo suscitou o sentimento da humildade e a atitude da obediência que consente em tomar da pena e escrever. E, ao curvar a cabeça e obedecer à inspiração, percebe ser mais forte que si mesma. Parece-nos que Clarice anuncia aí o drama e a beleza próprios da condição humana, de ser finitude morada do infinito e do incondicionado. E de encontrar sua força e alegria em obedecer a Outro que o institui como aquilo que é: ser mortal criado para a vida.



Já a outra obra de Clarice Lispector – *A paixão segundo G.H.* – é uma obra inquietante, angustiante e, ao mesmo tempo, intrigante. Nesse romance, Clarice Lispector consegue transmitir ao leitor as preocupações de ordem emocional da personagem G.H., uma mulher bem-sucedida profissionalmente, de vida confortável e abastada, mas que não conhece a sua própria identidade e, por isso, vai em busca do conhecimento interior.

É por meio de um universo aberto pela autora e entretecido de questionamentos e reflexões que o leitor toma contato com a atmosfera de instabilidade emocional em que G.H. – que aparentemente tem uma vida resolvida e estável – se encontra, nela mergulhando conforme apresenta a narradora no início da narrativa: “Estou procurando. Estou tentando entender.” (LISPECTOR, 1964, p. 11).

A mulher burguesa que é G.H. se sente como num deserto, sem organização ou ordem que lhe dê harmonia, sem mão para segurar que lhe dê alegria. A saída da sala para o quarto da empregada na verdade é uma descida, uma descida kenótica. Ao entrar no humilde quartinho da empregada, G.H. percebe que entra em outro mundo. Onde esperava encontrar escuridão, desordem, sujeira, mofo, G.H. depara-se com algo totalmente inesperado: reinam uma ordem e uma claridade absolutas.

A viagem de G.H., pode ser considerada do ponto de vista teológico, uma viagem mística. Ou até mesmo “crística”. Pois “crístico” não é o movimento que faz o Filho de Deus ao não aferrar-se a suas prerrogativas e a esvaziar-se, despojar-se, humilhar-se, obediente até a morte, e morte de cruz? E místico não é o movimento bilateral que faz a divindade unir-se à humanidade e vir resgatá-la a partir da lama do pecado onde se encontra mergulhada, cristificando-a e unindo-a a si mesmo no Espírito Santo que habita em nós?

Esse caminho da personagem é místico porque ascético e purificador, enquanto prepara o alargamento do que se segue à sua morte pelo sacrifício ascético de mergulhar no coração da matéria. Aqui, podemos nos perguntar se existe lugar para Eros, impulso vital e estimulador da vida, com a experiência tão asquerosa e nauseabunda de morder com os próprios dentes, a própria boca, a substância branca, pegajosa, úmida, de uma barata, repugnante aos sentidos humanos. Ou não seria a experiência de G.H. mera pulsão tanática, de morte?



## O bem e o mal: João Guimarães Rosa em *Grande sertão: Veredas*

A obra-prima de Guimarães Rosa, considerada por muitos a maior obra em romance da literatura brasileira, traz um tema familiar para a reflexão teológica: o drama de amor e ódio, de salvação e perdição que constitui a saga do jagunço Riobaldo, seu desejo de amar, seus encontros e desencontros, mormente a relação com Diadorim, que constituirá sua epifania sobre o sentido maior da vida. Todo o problema conhecido da Teodiceia – o questionamento sobre a compatibilidade entre a existência de Deus e a realidade do mal – que está exposto na construção magistral que faz Rosa em *Grande sertão: Veredas*.

O livro de Guimarães Rosa vai tratar também do mal metafísico. Este aparece na melancolia e depressão que se faz companheira fiel e constante de Riobaldo. O herói toca a experiência da precariedade da vida, da transitoriedade das coisas, da finitude humana. Apalpa a negatividade do mundo, o nada da existência, o absurdo e a falta de sentido. A inventiva e neológica linguagem rosiana inventa infinitas expressões para traduzir essa experiência que é de Riobaldo, mas de todo ser humano, ser de linguagem calado pela presença do absurdo e do sem-sentido. A expressão “nonada” – negativo do negativo – , que abre a narrativa e a acompanha, reaparecendo aqui e ali, deixa Riobaldo perplexo e o faz estremecer e exclamar: “A gente só sabe bem aquilo que não entende” (ROSA, 2001, p. 332), “tudo é desordem” (ROSA, 2001, p. 346). E aquilo que não se entende – mistério e enigma – é o que faz a humanidade debater-se sempre com o problema e a questão do mal, sem conseguir resolvê-la. Por que então nunca desistiu dela? Por quê?

Ao longo deste embate, que tem a forma exterior da violência e da brutalidade, a jagunçagem e seu cheiro de morte, entremeado e atravessado pelo amor, pela beleza e pelo desejo de santidade, Riobaldo faz na verdade a viagem – travessia – ao fundo de si mesmo. E no si mesmo encontra o outro e faz uma aproximação conclusiva do mistério de Deus e do ser humano. Defronta-se também com a pergunta pela existência do diabo, que vai, no imaginário rosiano, sintetizar a essência dos três males presentes na humanidade: físico, moral e metafísico.

Nessa viagem-travessia, jamais as coisas sobre o bem e o mal, o amor e o ódio, a vida e a morte vão estar claras e discriminadas para o jagunço Riobaldo. A opção pelo tornar-se jagunço, empunhar armas, ferir



e matar, se desenrola ao mesmo tempo em que cresce, paralelamente, o amor por Diadorim, que confunde e quase exaspera o macho Riobaldo. O ser humano que é Riobaldo se confunde ao perceber no fundo de si mesmo, entrelaçadas, as pulsões da vida e da morte, da belicosidade que o faz participar do bando de jagunços que mata e da compaixão que o faz interceder pela vida de Joca Ramiro quando este é levado a julgamento depois de derrotado por Hermógenes e Ricardão. Estranho também é o sentimento confuso que tem por Diadorim, que é mais do que amizade e companheirismo. É amor, e isto não é sentimento que na visão de mundo do próprio Riobaldo, um homem pode sentir pelo outro. Diadorim se apresenta para Riobaldo como um mistério de pessoa. A atitude do jagunço é a do ser humano que se defronta com aquilo que pertence a uma esfera maior e mais além de si mesmo: a esfera do transcendente, do sagrado, do santo. O homem criado e limitado, diante da epifania do absoluto que se reveste de medição ao alcance dos sentidos, sente atração irresistível e temor irrefreável.

## Literatura de outras latitudes

### Albert Camus: um ateu com espírito, filosofia do absurdo.

Pensador brilhante e escritor instigante, Camus desde cedo se debateu entre a grandeza do espírito humano e o fascínio pela transcendência, entre a existência de Deus e a existência do mal. O sentimento do absurdo da existência o levava a questionamentos bem próximos da teodiceia.

Albert Camus presenciou em seu tempo o fracasso do progresso, da liberdade, da ciência, da democracia. Isto influenciou suas obras, que foram muitas e variadas, indo desde romances, passando por peças de teatro e artigos em revistas e jornais. Três características podem ser observadas em suas obras: a primeira é a constatação dilacerante de que a vida humana é fundamentada em incoerência, é confusa, ambígua, sem as diferenças estanques entre o bem e o mal, o certo e o errado que o pensamento clássico parece afirmar. Em segundo lugar há a capacidade e a necessidade de se observar a necessidade dos fatos, refletir sem medo sobre a vida absurda e concreta do homem. E, por fim, há a ênfase na responsabilidade humana diante do sofrimento causado por este estado de coisas.

Em 1940, o escritor francês termina sua grande obra, *O estrangeiro*. Neste romance Camus apresenta como personagem central Meursault,



um escriturário de Argel que viaja até uma cidade próxima para enterrar sua mãe e não chora no enterro. Levanta com isso a suspeita de ser um tanto insensível. Depois disso, Meursault mata um árabe, é preso e condenado à morte. Até então o personagem camusiano tem a característica de uma pessoa despreocupada, sem aspirações para com o futuro, aceitando a vida conforme ela é. Porém, durante o julgamento, a acusação concentra-se no fato de Meursault não conseguir ou não ter vontade de chorar no funeral de sua mãe. O homicídio do árabe é aparentemente menos importante do que o fato de Meursault ser ou não capaz de sentir remorsos; o argumento é que, se Meursault é incapaz de sentir remorsos, deve ser considerado um indivíduo perigoso e, conseqüentemente, deve ser executado para evitar que repita seus crimes, tornando-se igualmente um exemplo para a sociedade. Camus com isso cria um clima de total absurdo para o leitor que vê Meursault caminhando para uma execução sem motivos ou com motivos invertidos em relação à realidade.

*O Mito de Sísifo* foi publicado em 1942, no mesmo ano que *O estrangeiro*, e contém a essência das mesmas ideias que este. Esse mito é uma imagem da vida humana, em que os deuses tinham condenado Sísifo a rolar interminavelmente um rochedo montanha acima, até o alto, de onde a pedra voltava a cair por si mesma, tornando assim o seu trabalho inútil e sem esperança. Tomar consciência da inutilidade de tantos sofrimentos é descobrir a o absurdo da condição humana.

No centro do pensar de Camus está a questão do absurdo e do sem-sentido da vida e da condição humana. Para “capturar esse sentimento do absurdo”, como diz Camus, o ser precisa invocar e convocar outros sentimentos. Na verdade, é toda uma gama de experiências interiores que variam do desconforto e do pessimismo até a angústia e o desespero. E que igualmente geram atitudes diante da vida: uma responsabilidade gratuita e uma entrega desesperada ou uma revolta sem descanso.

### Georges Bernanos e François Mauriac: mística entre a teodiceia e a santidade

Bernanos e Mauriac são dois escritores católicos franceses do século XX. Não são diretamente escritores místicos, mas em suas obras e romances a mística é uma realidade constantemente presente. Ao fundo da trama que escrevem está a fé da Igreja da qual ambos são membros militantes.



Para esses dois escritores franceses, a literatura tem como tema central a redenção. Eles tem como principal objetivo narrar e descrever a maneira pela qual os propósitos redentores e salvíficos de Deus trabalham as vidas humanas. Os temas centrais de tais romances são o mal e a graça. Figuras crísticas, os personagens místicos de Bernanos e Mauriac irão conduzir o leitor através de situações extremamente humanas até se encontrarem com o poder de Deus, que, por assim dizer, “possui” por completo a fragilidade e a vulnerabilidade humanas, redundando isto em salvação daqueles que estão à sua volta, notadamente os mais ameaçados de perdição e danação eternas.

No romance *Les anges noirs* de Mauriac, temos o personagem Alain Forcas, um jovem de família simples e infância sofrida, com um pai perverso e uma mãe resignada. Irmão de Tota, e a ela unido por terna afeição, é criado em um deserto de fé ou de formação religiosa durante toda a sua vida, até que, chegado a idade adulta, começa a sentir dentro de si uma “estranha felicidade” que um dia o obriga a ficar de joelhos e a murmurar palavras que nem ele mesmo sabe o que significam. Em Paris, em visita a sua irmã, sente uma alegria à qual não sabe dar nome a ponto de abraçar o próprio peito para que a mesma não lhe escape.

Alain Forcas reaparece como sacerdote no romance de Mauriac. Aí é confrontado com outro personagem: Gabriel Gradère, sedutor, gigolô, proxeneta, cafetão, assassino, bêbado, ladrão. Todos os vícios do mundo se concentram sobre Gabriel, que será resgatado e salvo por Alain, escolhido do meio do mundo perdido, que sofre e “paga” por todos: pelo iníquo Gabriel e também por Tota, sua irmã adúltera que é expulsa de casa pelo marido e acolhida por ele na casa paroquial. Toda a aldeia pensa que é sua amante e lhe desatam uma perseguição sem quartel. Na verdade Tota tinha um caso com o filho de Gabriel Gradère. Após várias peripécias, Gabriel confessa a Alain todas as ignomínias de sua vida e lhe pede para carregar sua cruz. Os dois estarão assim sempre unidos sob o olhar de Deus. Alain entende sua missão como “envolver em uma imensa rede de oração e sofrimento” todas as almas que cruzam seu caminho. Para Mauriac é a concupiscência carnal a fonte do mal no mundo. E Alain é alguém puro, livre dela, possuído pelo espírito de infância cuja inocência brilha sobre seu rosto, embora já seja um homem de vinte e seis anos.

Gabriel, após haver assassinado uma antiga amante, vem pedir asilo na paróquia. Alain o recebe e trata dele, extremamente doente. Ga-



briel se confessa e espera a morte em paz. O Padre Alain pensa: “Aqueles que parecem destinados ao mal talvez tenham sido escolhidos antes dos outros, e a profundidade de sua queda dá a medida de sua vocação.” A mística do Padre Alain Forcas cumpre um ciclo que ele repetirá com outros: tomar sobre si o pecado e suas consequências, carrega-lo, abraça-lo e redimi-lo. Essa é sua mística. Assim entende o sacerdócio, sua vocação de ser outro Cristo.

Em outro romance, o pároco de Ambricourt, do qual não se sabe o nome, é o porta-voz da consolação espiritual e da mística do próprio Bernanos. Cercado por uma cidade em revolta da qual ele sondou e descobriu o lodo, atravessa com firmeza, mas sem estardalhaço, a estupidez, a maldade e o vício. Ele não viverá além dos 30 anos, vitimado por uma câncer de estômago que o acompanha desde o começo do romance e que ele ignora.

Ele ama, como Bernanos, o “doce reino da terra”. Um conde idiota, superiores cegos, paroquianos grosseiros põem à prova sua tímida fortaleza. Ninguém o compreende e sua história tem que ser narrada no diário por ele mesmo, pois só ele penetrou até o fundo de sua solidão. O livro mostra a concepção do autor daquilo que é necessário para um mundo de “cristianismo decomposto”: a nostalgia de uma grande luz desaparecida, aquela que brilha no rosto da criança do pároco de Ambricourt.

O livro é uma crítica dura à Igreja, que não entende seus místicos e santos e não tolera a menor independência de espírito. O jovem pároco se entende mal com as autoridades eclesásticas. Acaba sofrendo sozinho. Esta é a parte que lhe foi destinada por Deus que o chamou e ao qual ele entregou sua vida.

Como Alain Forcas, o pároco de Ambricourt é um fracassado pastoralmente. A paróquia lhe volta as costas, até as crianças. Ele sofre, gostaria de ser mais proativo, ter mais iniciativa. Não conseguindo, investe em sua vida interior: “O pecado é viver na superfície de si mesmo, não ter vida interior, a vida pela qual seremos julgados” (BERNANOS, 1936, p. 105). Ao saber pela boca do médico que tem câncer e que lhe resta pouco tempo de vida, o jovem pároco de aldeia é obrigado a encarar a morte. Diante dela chora como criança. Sente-se totalmente sozinho e chora de saudades da vida que se vai. Sua morte se dá nas circunstâncias menos “pias” e mais adversas. Ao sair do consultório do médico, bate à porta de um ex-companheiro de seminário, agora casado. Ele não está, apenas a mulher. Entra sentindo-se mal, sente que vai morrer, diz não querer morrer ali. Sem forças para sair, fica. O amigo chega, ele agoniza.



Pede a absolvição. O amigo chama um padre que não chega. Por fim é o amigo mesmo que o absolve a seu pedido. Sorri. Com a demora do padre, o amigo lhe diz que pena lhe dá que ele morra sem a consolação dos sacramentos. Ele então murmura, e são suas últimas palavras: “Que importa? Tudo é graça!” (BERNANOS, 1936, p. 245).

### Simone Weil e os Irmãos Grimm: soteriologia no mistério de um conto

Simone Weil sempre foi uma grande leitora dos mitos e narrativas simbólicas e metafóricas. Incluem-se aí os contos de fadas, pelos quais tinha grande apreço, por achá-los terrenos seminais onde podiam ser encontradas as grandes intuições sobre os mistérios fundacionais do imaginário da humanidade.

Aquilo que pensa Simone Weil sobre os mitos, contos, fábulas e poemas como lugares de revelação – porque disso se tratam – vai tornar-se especialmente claro no caso do conto “Os seis cisnes”, de Grimm. Este conto marca o início do processo de configuração dos grandes temas da meditação weiliana, o que ocorre desde o fim do ano de 1932. Weil interpreta um dos primeiríssimos textos a ela dados por seu professor de Filosofia, Alain. A jovem Simone acaba de entrar no Liceu Henri IV, onde fez sua formação em Filosofia e não teve ainda tempo de penetrar na brilhante filosofia de Alain. Seu texto abre-se com uma referência não a Grimm, mas a Platão: “Entre os mais belos pensamentos de Platão estão aqueles que ele encontrou pela meditação dos mitos.”

A leitura do mito já é, portanto, em Simone Weil, de tipo soteriológico: o homem transformado em animal (em cisne), se separa de Deus, que “parte em seu encaço para buscá-lo”. É Deus quem busca o homem e não o inverso e o salva no último momento. A salvação vai ser queimada no mesmo instante em que se produz. E ela se dá por intermédio do mediador, que neste caso é a menina silenciosa, filha do rei, irmã dos homens, figura transparentemente crística. O perfil da verdade perseguido por Simone Weil não coincide com as verdades das ideologias, das religiões e das igrejas, mas com uma luz que mata a sede da alma e sem a qual viver é um sofrimento insuportável. Na sua concepção, os elementos constitutivos da verdade são a beleza, a pureza e a proibidade.

Na leitura feita por Simone Weil deste conto de Grimm podemos ver um aspecto importante e fundamental da relação entre teologia e



literatura: a literatura como berço do pensar teológico. A narrativa literária fala sempre sobre a condição e a experiência humanas. Atingindo o centro da pessoa, pode fazer emergir aquilo que ali já está semeado e marcado com um selo: a imagem e semelhança de Deus, que a partir daquela leitura fará emergir uma fulguração, um lampejo, um luminoso sinal do mistério desejado.

### A liberdade do Espírito em Etty Hillesum

Etty Hillesum viveu e morreu como judia. Era uma judia que encontrou a Deus de forma profunda e, a partir daí, escolheu seu próprio caminho. Entre suas leituras estava com grande frequência e importância o Novo Testamento – notadamente o Evangelho e Santo Agostinho.

*A integração de Eros e ágape.* Etty era uma mulher jovem, bonita e muito sensual. Alguém muito consciente de seu corpo e de suas fomes e sedes sexuais. Muito feminina, era também e ao mesmo tempo extremamente independente e livre de suas escolhas. Para além de simples desejo erótico, pode-se observar, através da leitura de seus diários como esta jovem foi capaz de fazer a passagem dos prazeres imediatos da vida para os maiores sacrifícios por causa do amor e da solidariedade que sentia para com seu povo e fazê-lo com alegria, gratidão e uma consciência espiritual profunda, sem o menor sinal de amargura. O amor de Etty é transformado em pura ágape, gratuita e generosa oblação. E é esse amor – nascido de sua mística, de sua relação com Deus – aquilo que ela derrama sobre os deportados de Westerbork e Aschwitz, até sua morte.